

A HISTORICIDADE CONSTITUTIVA DOS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM DOS ANOS 50 A PARTIR DA FILIAÇÃO TEÓRICA

Caroline Mallmann SCHNEIDERS*

ABSTRACT: This text aims to bring some of considerations that are being pointed in our master's dissertation. Our interest is to understand the operating of network memory around the Linguistics introduced by the theoretical affiliation presents in the scientific discourse of the 50s. We'll analyze this network linked to the Linguistics disciplinary through by two significant works to the studies around Portuguese of/in the Brazil, it are: Introduction to the Portuguese Language Study in Brazil, 1st edition, 1950, and Introduction to the Portuguese Philology Study, 1st edition, 1956, both of Serafim da Silva Neto, an important studios about the scientific advances of Brazilian studies about language. So, we take as conductor wire the Linguistics Ideas' History (LIH), articulating it to the methodological-theoretical presupposed of Discourse' Analysis (DA) of French line in the way it is developing in Brazil.

KEYWORDS: memory, affiliation, historicity.

1. Introdução

Neste trabalho, procuramos trazer algumas considerações vinculadas ao nosso trabalho de dissertação, no qual visamos a uma reflexão em torno da produção do discurso científico dos anos 50. Diante disso, o nosso interesse, para este estudo, está na compreensão sobre a rede de memória em torno dos saberes sobre a Linguística que se instauram a partir da filiação teórica encontrada nos estudos sobre a linguagem dos anos 50. Por meio dessa rede vinculada ao disciplinar da Linguística que buscamos compreender, acreditamos que poderemos apreender o funcionamento da historicidade presente no discurso científico do período em questão.

Para tanto, utilizaremos como objeto de estudo duas obras que se inserem na conjuntura em questão e que se demonstram significativas para os estudos em torno do português do/no Brasil, a saber: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1^a edição, de 1950, e *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1^a edição, de 1956, ambas as obras são de Serafim da Silva Neto, um estudioso importante no que tange aos avanços científicos dos estudos brasileiros sobre a linguagem (cf. Lagazzi-Rodrigues, 2007; Coseriu, 1976). Para o desenvolvimento desse estudo, tomamos como fio condutor a perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL), articulando-a aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) de viés francês, tal como vem se desenvolvendo no Brasil.

Tendo em vista que o nosso estudo está vinculado aos pressupostos teórico-metodológicos da AD, as principais categorias analíticas selecionadas são as noções de discurso-transverso e a de condições de produção. Com o auxílio dessas noções, procuramos analisar como a inserção dos saberes sobre a Linguística a partir da filiação teórica, nos estudos sobre a linguagem do Brasil, afeta na produção do conhecimento linguístico dos anos 50.

* Mestranda; Universidade Federal de Santa Maria.

2. A rede de memória no discurso científico a partir da filiação teórica

O desenvolvimento de nosso estudo se faz por meio da análise das fontes utilizadas no interior da materialidade discursiva em estudo, ou seja, do aporte teórico citado. Esse modo de entrada tem como objetivo compreender a historicidade, através da co-presença de saberes, que constitui o nosso corpus de análise (cf. Auroux, 2008). No entanto, as fontes que nos interessam são as dos estudiosos que se vinculam ao disciplinar da Linguística e que são considerados como referências importantes.

Voltamos-nos a essas questões, uma vez que, através delas, poderemos apreender como a historicidade constitutiva aponta para a circulação de uma memória discursiva em torno dos saberes sobre a Linguística antes de sua institucionalização **acadêmica no** Brasil, ou seja, num espaço/tempo que não é próprio para essa circulação. Logo, estamos considerando, sobretudo, a memória em que o sujeito da ciência se inscreve para constituir o discurso científico em questão, nessa determinada conjuntura sócio-histórica.

Como sabemos, toda materialidade discursiva é, nesse sentido, heterogênea e relacionada diretamente à exterioridade para significar (ORLANDI, 2004). A partir dessa relação entre a produção do conhecimento com a exterioridade, acreditamos ser possível um entendimento sobre a rede de teóricos, que se vinculam à Linguística, utilizada no processo de produção do conhecimento sobre a linguagem que estamos analisando. Essa rede é pensada aqui como a filiação teórica pela qual o sujeito da ciência é afetado na constituição do seu discurso, filiação esta que resulta das posições e apropriações do sujeito da ciência frente à conjuntura sócio-histórica e ideológica em que se insere (cf. Pêcheux, 2009).

Delesalle & Chevalier (1986) também apontam nessa direção, considerando que “o estatuto de um pesquisador, os métodos que adota, os campos que escolhe são amplamente prefixados pelas suas condições sociais e econômicas, condições organizadas num sistema ideológico” (p.3). Desse modo, ao observarmos as fontes utilizadas, acreditamos ser possível compreender a memória que se veicula e a circulação dos saberes sobre a Linguística presentes nessa conjuntura que **antecede** a sua institucionalização enquanto disciplina no âmbito acadêmico. Com isso, apreenderemos a historicidade que é constitutiva, a qual, por sua vez, aponta para o percurso que o sujeito da ciência faz no processo da constituição da materialidade discursiva em questão.

Diante disso, consideramos que as fontes citadas em nosso objeto de estudo nos permitirão construir relações, ajudando a compreender um pouco a temporalidade presente, e, principalmente, essa conjuntura específica dos estudos sobre a linguagem, que se trata dos anos 50. Segundo Delesalle & Chevalier (Ibid., p.5), “toda obra é um conjunto não fechado que busca resolver concomitantemente um conjunto de postulações dificilmente sistematizáveis”, ou seja, uma obra não é estanque, pois se constitui a partir de diferentes discursos, apontando para diferentes tomadas de posições.

Esses autores destacam ainda que a reconstrução das fontes presentes no interior de uma obra pode se tornar uma “empreitada perigosa”, visto que é preciso não “isolar a obra do jogo geral da época, o qual é de extrema complexidade” (Ibid., p. 5). Outra questão importante que assinalam a respeito do cuidado que se deve ter com o estudo das fontes é o fato de que

a apreensão do funcionamento de um sistema deve ser considerada num espaço muito longo. Contemporâneos e até sucessores mais distantes tendem a reter apenas aspectos parciais de um sistema intuitivamente percebido como decisivamente novo (DELESALLE & CHEVALIER, 1986, p.5).

Acreditamos que as citações nos apontam para um jogo de filiações teóricas que se relacionam ao disciplinar da Linguística, cujo saber se faz circular em nosso objeto de estudo, mesmo não possuindo um lugar institucionalizado e legitimado. A questão da institucionalização e legitimação é um ponto central na prática científica, pois envolve, na sua constituição, uma política que traz à tona o que pode e deve ser dito em determinado espaço. No entanto, para que determinada prática científica se legitime ela passa por diversos processos, sendo um deles o ‘mecanismo de citação’, que, no entender de Orlandi (2003, p.14), estabelece uma relação de sentidos, através do qual o sujeito da ciência procura ratificar e, conseqüentemente, legitimar suas ideias.

Tendo esses cuidados com o estudo das fontes e buscando observar as questões salientadas até aqui, selecionamos, primeiramente, a fim de compreendermos como a historicidade está constituída, bem como a forma de circulação dos saberes a que ela remete, recortes discursivos (RDs)¹ da obra *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1950. Estes recortes, além de nos apontar para uma filiação teórica, apontam para a relação que se tem com os saberes sobre a Linguística². A rede de filiação que podemos estabelecer por meio dos recortes é a seguinte:

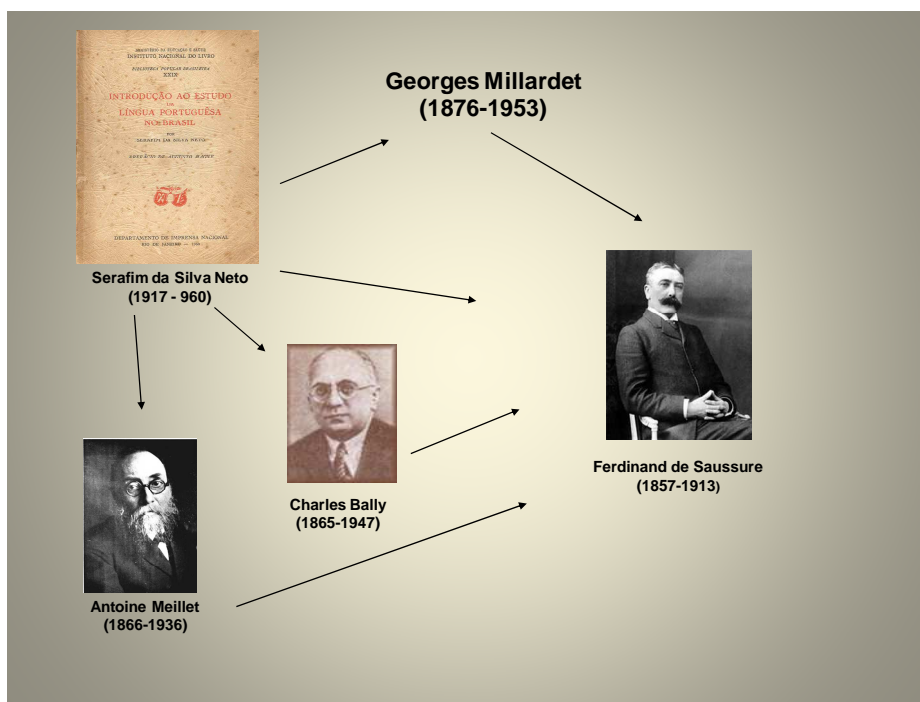


Fig. 1 – Rede de filiação: Obra A

Podemos dizer, a partir das referências que destacamos, que o sujeito da ciência, este pensado como o sujeito que (re)atualiza saberes, na produção científica, para que se tenha, com essa retomada, um avanço científico no domínio a que se inscreve, traz esses estudiosos para colocar à baila a discussão entre a unidade e a diversidade da língua portuguesa do Brasil, discussão esta que a **obra A** procura veicular. Tem-se, inicialmente, na obra, a exposição de algumas considerações sobre a noção de língua, nas quais o sujeito da ciência traz, dentre outros estudiosos, Saussure e Bally. Após, passa-se para a exposição da ‘história

¹ Os recortes da Obra A estão no anexo deste trabalho, sendo que os negritos foram realizados por nós.

² Verificamos, no interior dessa obra, mais referências a esses autores que estão presentes nos recortes, no entanto selecionamos apenas estes.

externa' da língua, mostrando que a língua portuguesa é patrimônio tanto do Brasil quanto de Portugal, língua esta que, ao se fixar no Brasil, passou a estar em contato com as outras línguas que habitavam nesse território, como a africana e a indígena. Diante das peculiaridades do território em questão, a língua portuguesa passou a ter características outras, próprias ao lugar onde estava situada.

Em acordo com Orlandi (2009), consideramos que essas peculiaridades da língua portuguesa resultam do fato de que o português do Brasil “é uma historicização singular, efeito da instauração de um espaço-tempo particular diferente do de Portugal” (p.48), fazendo com se tenha uma nova estrutura na língua, a qual resulta dos sujeitos, dos objetos e da capacidade linguística particular deste espaço-tempo que é o Brasil (p.49).

Com isso, tem-se, na **obra A**, a questão da evolução a que a língua está exposta, as quais apontam para essas novas características, ao longo do tempo, da língua portuguesa que se situa no Brasil. Nesta parte, verifica-se a presença de Meillet através de seus estudos acerca da linguística comparativa e para enfatizar a questão da relação entre os dialetos, os quais são distintos, porém apresentando uma unidade linguística, unidade esta que, na obra, é vista do ponto de vista da língua portuguesa. Também, nesta parte, tem-se a citação de Saussure por meio de seus estudos que envolvem a questão histórica e a evolução linguística que se verifica no *Curso*.

Tendo em vista essa abordagem histórica em torno da língua portuguesa que a obra procura expor, a língua é concebida como um sistema ligado a um conjunto de falantes, ou seja, enquanto um sistema linguístico, a língua é homogênea, já a fala por estar ligada aos falantes, e, conseqüentemente, à utilização individual que cada um faz da língua, é heterogênea. Para tanto, verificamos a retomada do postulado saussuriano, trazendo a questão da língua e da fala a partir do *Curso de Linguística Geral*, porém através da versão em francês deste, pois a versão brasileira do *Curso* deu-se somente nos anos 1970.

O *Curso* é uma obra póstuma, originária da compilação das anotações de alunos que participaram de algumas das aulas realizadas por Saussure em três cursos de Linguística Geral ministradas em Genebra, sendo editada por Charles Bally, Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger. Em nossos recortes, temos a presença de um dos editores do *Curso*, Bally, considerado pelo sujeito da ciência como “*um dos maiores lingüistas atuais*”, que também foi aluno de Saussure, dedicando-se a estudos linguísticos voltados à estilística.

Outro aluno de Saussure que é citado em nosso objeto de estudo é Meillet, linguista este que se dedicou à linguística comparativa e histórica. Trouxemos recortes que citam esses estudiosos, Meillet e Bally, devido a essa relação que eles tiveram com Saussure, o que nos permite, com isso, constituir a rede de filiação que estamos propondo.

Quanto à questão da evolução linguística, verificamos que o sujeito da ciência traz Saussure para mostrar que a língua sofre modificações, sendo isso relacionado, para esse linguista, à oposição entre a Linguística evolutiva e a Linguística estática, as quais, por sua vez, remetem, respectivamente, à diacronia e à sincronia. Acerca da evolução linguística, o sujeito da ciência destaca que, através dela, tem-se a distinção dos grupos sociais, pois o que *era da estabilidade passa a desprender-se da massa uniforme e homogênea*. Para demonstrar isso, utiliza-se um esquema semelhante ao que Saussure propôs no *Curso*, como nos mostra o paralelo abaixo:

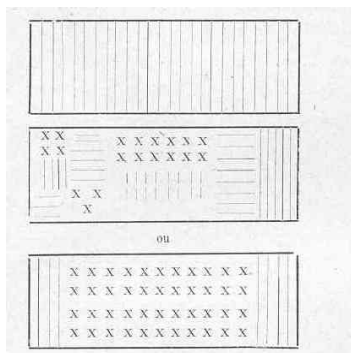


Fig. 2: Esquema de Serafim da Silva Neto
 (1950, 1ª edição, p. 215)

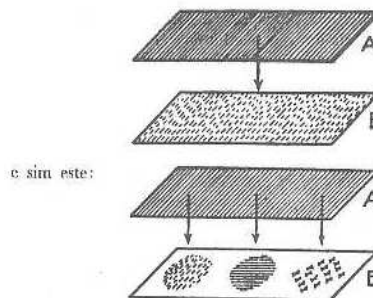


Fig. 3: Esquema de Ferdinand de Saussure
 (2008, 30ª edição, p. 231)

Serafim retoma esse esquema semelhante ao que Saussure (2008) pensou para mostrar, principalmente, a ação do tempo sobre a língua em determinado território, ou seja, esse esquema se relaciona com a questão da diacronia e sincronia, pois esses dois eixos tomam, em especial, o tempo, mas sob perspectivas diferentes. O tempo torna-se, portanto, fundamental para estabelecer a diversidade da língua num mesmo território, em outras palavras, para marcar diferenças dialetais num mesmo espaço geográfico, cujas diferenças são descritas a partir de um olhar sincrônico, todavia resultante de uma evolução, de um estado anterior. Pensando na questão da língua do Brasil, esse estudo sobre o eixo sincrônico e diacrônico é fundamental para que se possa compreender a história da língua portuguesa.

Após essas considerações acerca dos recortes que nos permitem verificar algumas das citações/referências que constituem a **obra A**, traremos, agora, uma figura que pôde ser visualizada a partir dos recortes³ realizados na **obra B**, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1ª edição, de 1956, ilustrando a rede de filiação da obra *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*:

³ Os recortes da Obra B estão no anexo deste trabalho, sendo que os negritos foram realizados por nós.

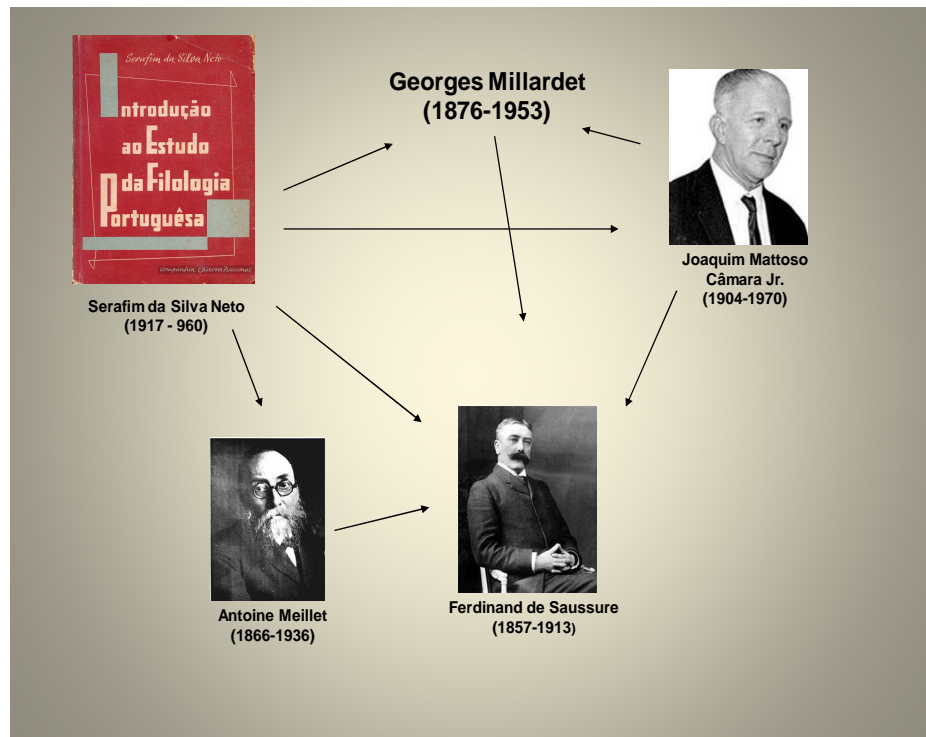


Fig. 4 – Rede de filiação: Obra B

Atentando aos recortes da **obra B**, verificamos algumas regularidades com relação à **obra A**. Essa questão das regularidades discursivas que se fazem presentes na formulação de uma materialidade discursiva aponta para o funcionamento do discurso a partir da historicização desses saberes inerente à constituição do discurso (SCHERER, 2005). Com isso, é possível perceber a presença de uma filiação teórica comum em ambas as obras, porém percebemos que, na **obra B**, há referência a estudiosos brasileiros que se vinculam ao disciplinar da Linguística. Trazendo algumas considerações para descrever os recortes realizados, podemos verificar o caráter científico que o sujeito da ciência configura à Linguística: “*os princípios básicos da Lingüística, com que se há de orientar os estudos científicos*”.

Também há o destaque para o fato de que a Filologia não se interessa apenas por uma perspectiva diacrônica, mas também por “*assuntos sincrônicos*”. Com essa consideração, verificamos que há uma mescla entre os saberes filológicos e linguísticos na produção do conhecimento linguístico dessa conjuntura, pois a filologia não está associada, predominantemente, à perspectiva diacrônica, mas também à perspectiva sincrônica.

Com relação à referência a estudiosos brasileiros, temos a presença de Mattoso e Sílvia Elia. O sujeito da ciência destaca esses dois estudiosos a partir de dois livros: *Princípios de Lingüística Geral*, ed., 1954 e *Orientações da Lingüística moderna*, Rio, 1954, respectivamente. Estes livros são importantes no que tange à institucionalização da Linguística no Brasil, sendo considerado, na **obra B**, “*de imprescindível leitura*”, apontando para a importância desta perspectiva por meio de estudos locais, mostrando que, no contexto brasileiro, já se verificava uma prática científica em torno dos estudos linguísticos.

Também há a presença de Mattoso com seus estudos sobre a fonemática a partir de um viés descritivo, e, portanto, linguístico. Estabelecendo uma comparação com a **obra A**, não verificamos nesta a presença desses estudiosos brasileiros, o que nos aponta para os movimentos de sentidos e para as diferentes filiações a que os estudos sobre a linguagem estão vinculados em cada momento em específico. Como na **obra A**, verificamos a presença

de Meillet, referência esta que está destacada por um aposto que o caracteriza como “*um dos maiores representantes da lingüística moderna*”.

Igualmente à obra anterior, temos a citação de Saussure para destacar, principalmente, a questão da diacronia *versus* sincronia, bem como a questão dialetal. A presença de Saussure, por meio desses conceitos, vai ao encontro do momento sócio-histórico que envolve os estudos sobre a linguagem, uma vez que se tem a criação, em 1955, do Centro de Dialectologia, cujos estudos passam a estar vinculados a uma perspectiva sincrônica, e, em 1958, a criação do Setor Linguístico (cf. Altman, 2004).

A presença de Saussure em nosso objeto de estudo faz com que possamos verificar que o discurso científico sobre a linguagem, no Brasil, está afetado por suas condições de produção, visto que a retomada de Saussure vincula-se à discussão vigente no momento da constituição de cada obra. Na **obra A**, a discussão que estava em voga, nos anos 40, girava em torno da língua do Brasil e sua denominação, sendo, por isso, que o sujeito da ciência retoma conceitos voltados à língua, envolvendo a questão da unidade e diversidade.

Já na **obra B**, retomam-se os conceitos que envolvem a diacronia e a sincronia, visto que a obra procura trazer à baila um estudo filológico acerca da evolução das línguas românicas, em especial, da língua portuguesa. Esse estudo proposto envolve a relação entre o estado atual da língua com os estados anteriores, ou seja, busca-se primeiramente um olhar sincrônico para depois trazer o olhar diacrônico do estado da língua que está em questão. Essa relação entre a sincronia e a diacronia que pode ser verificada nesta obra que se inscreve no domínio da filologia românica pode estar atrelada ao fato de que neste período em que a obra foi editada os estudos sobre a linguagem que se vinham fazendo passam por modificações, envolvendo, especialmente, a importância que os estudos da Linguística ganham perante aos estudos filológicos (cf. Altman, 2004).

Outra referência importante na constituição de ambas as obras é a de Millardet, estudioso vindo da França que permaneceu, no Brasil, como professor visitante, no início da criação das primeiras Faculdades. Esse estudioso é importante porque traz ao Brasil as discussões que se faziam na Europa, contribuindo tanto para os estudos linguísticos, a partir do postulado de Saussure, quanto para os dialetológicos, a partir do postulado de Gilliéron.

A partir dos recortes que trazem algumas das fontes/citações referente à **obra B**, *Introdução aos Estudos da Filologia Portuguesa*, podemos dizer, comparando com a **obra A**, que há uma rede de filiação com base comum: o estudioso Ferdinand de Saussure, formando, com isso, uma rede de teóricos que se vinculam aos saberes pertencentes ao campo disciplinar da Linguística, domínio este que foi sistematizado por Saussure.

Tecendo alguns gestos analíticos sobre as fontes presentes nas duas obras, podemos perceber, considerando os recortes discursivos⁴, que a presença de Saussure, com o *Curso de Lingüística Geral*, está fortemente marcada por conceitos basilares de seu postulado. Como vimos, o sujeito da ciência utiliza-se da obra original, em francês, do *Curso*, fazendo, no contexto brasileiro dos anos 50, circular o postulado saussuriano, todavia, em lugares outros, não sendo no campo da Linguística, propriamente dita.

Saussure é citado, especialmente, pelo *Curso*, a partir de noções fundamentais que ele sistematizou, como: língua e fala, sincronia e diacronia. No entanto, as noções retomadas estão sob outro viés, subordinam-se à perspectiva filológica, a qual predominava até então, sobretudo, nas faculdades da época. Diante disso, essas noções ganham, no decorrer dos anos 50, considerando os dois momentos que se referem às edições do nosso objeto de estudo, um funcionamento que mostra uma relação entre a Filologia e a Linguística.

⁴ Em anexo.

Ao inscrever o discurso científico em questão, que pertence ao domínio da Filologia, em filiações que se vinculam ao domínio da Linguística, podemos compreender que o sujeito da ciência busca uma articulação entre esses domínios, articulação esta que se dá a partir da citação de autores e conceitos que se vinculam aos saberes sobre a Linguística. Essa articulação inicial irá apontar para uma sustentação a esses saberes na constituição do discurso científico em questão, sustentação esta que visa ao avanço dos estudos em torno da língua portuguesa no Brasil.

Nesse sentido, o sujeito da ciência busca, a partir de algo já instituído, que está no nível do pré-construído, da exterioridade (cf. Pêcheux, 2009), que é o postulado saussuriano, com uma obra considerada importante para a ciência Linguística, o *Curso de Linguística Geral*, uma sustentação ao que está propondo. Desse modo, antes da obrigatoriedade da Linguística, no contexto acadêmico brasileiro, já se buscava introduzir esse novo olhar sobre os estudos, apontando para a sua importância.

A importância dada à Linguística se fazia presente nas faculdades da época, sendo que foi na Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro, que se teve, pela primeira vez, nos cursos de Letras, um curso extensivo de Linguística, em 1938 e 1939, ministradas por Mattoso Câmara. No entanto, em 1937, a partir de cursos de Filologia Latina e Neolatina realizados pelo professor visitante Georges Millardet, foi introduzido por este professor questões sobre a Linguística. Podemos dizer que Georges Millardet introduziu questões sobre a Linguística em seus cursos, uma vez que era um professor que veio da França, permanecendo no Brasil entre os anos 30 e 50, tendo, pois, conhecimento das discussões em torno da Linguística do contexto europeu, tendo por base o postulado saussuriano (ALTMAN, 2004).

Estes cursos foram frequentados por Mattoso, iniciando-o aos estudos sobre a Linguística saussuriana (ORLANDI; GUIMARÃES, 2002). Além disso, Mattoso teve contato com Roman Jakobson, Louis Gray, no período em que esteve nos Estados Unidos, e Edward Sapir por meio da tradução de sua obra *Language*. A partir dessas relações teóricas que Mattoso manteve, podemos perceber que as perspectivas que o influenciaram ligam-se ao Círculo Linguístico de Praga, aos conceitos saussurianos e à filosofia linguística de Sapir (cf. Câmara, 1976).

Embora desde o final dos anos 30 já se tinha interesse pela Linguística, devido a questões políticas essa perspectiva foi silenciada por vários anos, sendo somente nos anos 50 que o cenário dos estudos sobre a linguagem começou a se modificar, apresentando discussões sobre a importância da Linguística nos cursos superiores. Dentre os estudiosos que defendiam a importância da Linguística, também estava Serafim da Silva Neto.

Atentando às referências citadas destacadas por nós, em ambas as obras, podemos dizer que Serafim da Silva Neto, enquanto sujeito da ciência, ancora-se em Saussure, Meillet, Bally, apontando para uma filiação teórica entre esses estudiosos, visto que Meillet e Bally foram alunos de Saussure, seguindo a perspectiva Linguística, embora cada um a partir de um lugar em específico: a linguística comparativo-histórica e a estilística, respectivamente.

Além dessa relação entre mestre e discípulos, há também a relação do postulado saussuriano com o professor francês Millardet. Este, vindo ao Brasil, difundiu essas ideias europeias, afetando principalmente Mattoso, o qual irá sofrer também influências dos estudos norte-americanos propostos por Sapir. Ou seja, referindo-se, agora, somente a **obra B**, percebemos uma relação teórica entre Saussure, Meillet, Bally, Millardet, Mattoso e o sujeito da ciência Serafim da Silva Neto, pois todos entendem os estudos da linguagem a partir da perspectiva linguística.

Essa rede proposta apresenta, pois, uma filiação europeia na constituição de nosso objeto de estudo, e, ao se ter a retomada de diferentes teóricos, como apresentam os recortes,

podemos dizer que a produção do conhecimento não é estanque, mas constituída por diferentes discursos, mostrando que “o ato de saber (produção de conhecimento) não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade” (AUROUX, 2008, p. 141).

Temos diferentes épocas constituindo a temporalidade, e, principalmente, a historicidade de nosso objeto de estudo, bem como contextos distintos: o europeu e o brasileiro. Um ponto interessante, pensando na época da edição das obras em estudo, é que se procura dar visibilidade, no início dos anos 50, a estudiosos estrangeiros, podendo isso ser decorrente da conjuntura peculiar que se vivia nos anos 40. Sobre essa conjuntura verificamos um trecho no interior da **obra A** que nos aponta para as dificuldades a que as publicações desse período estavam expostas: “(...) *Mas circunstâncias várias fizeram com que o livro até agora não tenha visto a luz do dia*” (SILVA NETO, 1950, p.9, Grifo nosso.).

Somente no final dos anos 50 é que se tem a alusão mais intensificada a estudiosos situados no Brasil, como Millardet e, em especial, a Mattoso, que faz parte do contexto brasileiro. Isto é, a circulação dos pensamentos locais ganham maior espaço, no decorrer dos anos 50, e, portanto, tem-se uma maior visibilidade sobre as questões/estudos que se faziam no contexto brasileiro. Diante disso, o nosso objeto de estudo apresenta filiações diferenciadas no início e meados dos anos 50.

Nesse sentido, é considerando a importância do viés linguístico, que Serafim procurava dar novos contornos aos estudos que propunha, tanto referente aos estudos que focam, especificamente, a questão da unidade e diversidade da língua portuguesa do Brasil, como é o caso da obra *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, quanto aos referentes à filologia portuguesa, como é caso da obra *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. A respeito da finalidade dessa obra, o próprio prefácio nos indica que:

Este livro pretende, pois, dar uma idéia de alguns dos principais temas da Filologia Portuguesa. Destina-se quer aos estudantes de Letras das nossas faculdades de Filosofia, quer aos Professores de Língua Portuguesa e interessados em geral.

Buscará, dêsse modo, divulgar noções e doutrinas; não é de surpreender, por isso, que o A. tenha tido especial cuidado em trazer fartas indicações bibliográficas. Não se esqueça, contudo, de que se trata de uma introdução e não de uma enciclopédia.” (SILVA NETO, 1956, p.8)

Diante dessas considerações que destacamos nesta seção, **podemos dizer que o sujeito da ciência inscreve o discurso em análise no campo disciplinar da Linguística atravessando e articulando, na constituição discursiva, teóricos e saberes vinculados a esse campo disciplinar** num espaço-tempo que, por regra, seria predominantemente de ideias filológicas, sendo um modo de fazer circular os saberes da Linguística para, com isso, sinalizar a sua importância, bem como a necessidade de um espaço institucional.

3. Considerações finais

Há, portanto, um jogo de relações/filiações, ou poderíamos ainda dizer um ‘jogo de forças’ inerente à constituição da produção do conhecimento, sendo as fontes uma das possibilidades de se compreender essas questões constitutivas a toda materialidade discursiva e histórica. Nesse sentido, o que estamos levantando nesse estudo são apenas algumas das considerações possíveis em torno do estudo sobre as fontes, a partir das quais podemos ainda levantar uma série de outras questões.

Diante dessas considerações, destacamos, conforme Auroux (1992, p.11), que “todo conhecimento é uma realidade histórica”, pois se situa em um determinado contexto sócio-

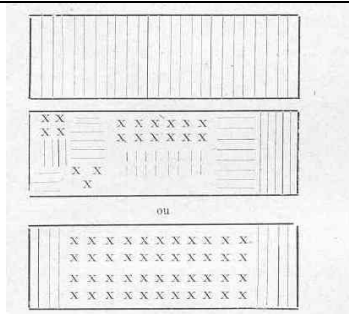
histórico, bem como se constitui a partir de diferentes temporalidades. Como nos aponta Nunes (2008, p.121) “o campo de ‘uma’ ciência não é um espaço homogêneo, mas sim constituído a partir de diferentes discursos”.

A partir dessa ancoragem a outros dizeres, especialmente, em Saussure, podemos dizer que há um “processo de sustentação”, **em nosso objeto de estudo, que pode ser verificado pelo funcionamento da noção de discurso-transverso (cf. Pêcheux, 2009)**, que nos possibilita uma reflexão maior sobre essas questões que propomos, apontando para os movimentos e para os efeitos de sentidos inerentes aos estudos sobre a linguagem do/no Brasil, nos anos 50, indicando, por sua vez, para os avanços futuros, que será, sobretudo, a institucionalização da Linguística no âmbito acadêmico.

Anexos

Recortes Discursivos da Obra A

<p>Obra A: <i>Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil, 1ª edição, 1950.</i></p>
<p>RDa1: “Desde Saussure pelo menos, sabe-se que a língua é um sistema, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de sêres. Êsse sistema, que só existe nos indivíduos falantes, tem, entretanto, existência independente deles, porque, tal como outras instituições sociais lhes é imposto. (3) [nota de rodapé: “Vj. o <i>Cours de linguistique générale</i>, pág. 30.”]</p> <p>Apesar disso, porém, cada pessoa tem seu jeito de falar a própria língua, de modo que tantas há quantos são os indivíduos (4) [nota de rodapé: “Cf. Vendryes, <i>Le langage</i>, pág. 273.”]. É em suma, a oposição: <i>langue</i> (système de moyens d’expression imposé aux individus), <i>parole</i> (exécution de la langue par l’individu)”. (Grifo do autor, p. 18)</p>
<p>RDa2: “Que a linguagem corrente varia de acordo com a classe social e o grau de instrução das pessoas é verdade comezinha. Entretanto Bally, um dos maiores lingüistas atuais, faz questão de frisar: <i>‘Mais a langage est aussi un fait éminemment social: non seulement c’est un ensemble de symboles capables de classer l’individu socialement, mais il porte aussi la marque dès efforts par l’individu pour, s’adapter socialement aux autres individus du groupe’</i>” (Grifo do autor, p. 24)</p>
<p>RDa3: “É que a realidade brasileira, forjada pouco mais ou menos com os mesmos elementos: português, negro e índio, se coaduna, integralmente, com esta afirmação, de Meillet: “Ce qui caractérise d’abord le dialecte, c’est donc la diversité dans l’unité, l’unité dans la diversité” (<i>La méthode comparative em linguistique historique</i>, p.54).</p>
<p>RDa4: “Ora, já Saussure, em lúcidas considerações acerca da evolução lingüística, estabeleceu que ela se processa lentamente” (p.115)</p>
<p>RDa5: “Millardet” (p.214)</p>
<p>RDa6: “Assim, a certa altura, o que era da estabilidade passa a desprender-se da massa uniforme e homogênea. Posso mostrar o fato num esquema imitado de Saussure:</p>



A intercomunicação freqüente propicia unidade lingüística. Por isso é que, em geral, nos planos a variação dialetal é bem menor que nas montanhas.” (p.215)

RDa7: “Para a formação lingüística do escritor colaboram evidentemente as duas linguagens: por isso como há tempos lembrava **Bally** (...)” (p.264).

Recortes Discursivos da Obra B

Obra B: *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1ª edição, de 1956.

RDb1: “Assim compreendida, é a Filologia Portuguesa estudo que exige preparação longa e difícil.

Em primeiro lugar, tão minucioso e completo quanto possível, o conhecimento prático da língua. Depois, os princípios básicos da Linguística, com que se há de orientar os estudos científicos (...)” (p.14)

RDb2: “[...] a Filologia abrange, além da perspectiva histórica da língua, até os assuntos puramente sincrônicos, isto é, descrições de estudos de língua.” (p.16)

RDb3: “Para terminar, diremos que há duas disciplinas intimamente relacionadas com a Filologia Portuguesa. Trata-se da *Filologia Latina*, que estuda cientificamente o latim (baseado estudos das línguas românicas) e da *Lingüística Geral*, ciência de princípios gerais, aplicáveis a quaisquer línguas, que serve de preparação inicial.”

[em nota de rodapé, referindo-se à Linguística Geral:] “São de imprescindível leitura os livros de **J. MATTOSO CÂMARA JR.** *Princípios de Lingüística Geral*, ed., 1954 e **SÍLVIO ELIA**, *Orientações da Lingüística moderna*, Rio, 1954.” (p. 16)

RDb4: “Hoje, porém, êsse risonho ideal está afastado: **como acertadamente assevera Meillet** [em nota de rodapé: “*La méthode comparative em Linguistique Historique*, 1925, pág. 15.”]

RDb5: “O certo é que, **como pondera Saussure** [em nota de rodapé: “*Cours de Linguistique Général*, 1931, pág. 306”] quatro linhas escritas nesse enigmático idioma

chegam para nos mostrar que o povo que o falava era absolutamente distinto do grupo étnico que falava latim [...].” (p.18)

RDb6: “E Meillet, um dos maiores representantes da lingüística moderna, assevera: [...].” (p.22)

RDb7: “O estudo de uma determinada fase da língua, tal como se faz na gramática expositiva, por exemplo, pode comparar-se a uma fotografia. Mas, **a par dessa observação sincrônica**, podemos encarar globalmente o conjunto das fases de uma língua, traçando-lhe a história, desde a origem até a fase atual. Trata-se, neste caso, de **estabelecer uma série de cadeias, ou de sincronias**, tarefa que lembra o desenrolar de um filme.

Êsse estudo diacrônico é indispensável ao conhecimento da língua. Êle ensina-nos de tudo: tocado pela sua varinha mágica, cada vocábulo nos conta a própria história, cada forma repassa por todas as metamorfoses – e, aos poucos, surgem na sua constância e regularidade as normas que presidiram à evolução do latim. [...]

[em nota de rodapé:]

“Essa diferença entre **sincronia e diacronia** foi estabelecida pelo lingüista genebrino **FERDINAND DE SAUSSURE** [...]” (Grifo do autor, p.63)

RDb8: “**MILLARDET** é mais incisivo ainda, quando assevera: [...].” (p.88)

RDb9: “A respeito do português do Brasil existe a classificação fonemática da linguagem coloquial tensa do Rio de Janeiro devido ao **Prof. J. Mattoso Câmara Jr.**, exposta no seu livro *Para o estudo da fonemática portuguesa*, Rio, 1952. [...]” (p.95)

Referências

- ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Ed. Humanitas, 2ª edição, 2004.
- AUROUX, S. *A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joaquinho. Campinas, SP: Editora RG, 2008.
- _____. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.
- CÂMARA, J.M. A Lingüística Brasileira. In: NARO, A. J. (org.). *Tendências Atuais da lingüística e da Filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976. p. 45-64.
- COSERIU, E. Perspectivas Gerais. In: NARO, A. J. (org.). *Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976. p. 11-40.
- DESSALE, S. & CHEVALIER, J. C. *La linguistique, la grammaire et l'école (1750-1914)*. Paris: Armand Coli, 1986. Trad. em português.
- GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. (orgs.). *Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas*. Campinas, Pontes, 2002.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. O político na Lingüística: Processos de representação, legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (orgs.). *Política Lingüística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2007, p.11-18.

- NUNES, J. H. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias Linguísticas. In: *Revista Letras: Língua, Sujeito e História*, nº 37, v. 18, n.2, jul./dez., 2008, p.107-124.
- ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, Editora Pontes, 4ª edição, 2004.
- _____. Colonização, globalização, tradução e autoria científica. In: GUIMARÃES, E. (org.). *Produção e circulação do conhecimento*. vol. II. Campinas, Editora Pontes, 2003, p.13-29.
- _____. *Língua Brasileira e Outras Histórias: Discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas, Editora RG, 2009.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al., São Paulo: Campinas, Editora da Unicamp, 4ª edição, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, editora Cultrix, 2008.
- SCHERER, A. E. Lingüística no sul: estudos das idéias e organização da memória. In: GUIMARÃES, E.; BRUM DE PAULA, M. (orgs.). *Sentido e memória*. Campinas, Editora Pontes, p. 9-26, 2005.
- SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Ed. S/A, 1956, 1ª edição.
- _____. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Departamento da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1950, 1ª edição.